

# SHAKESPEARE: ANTI-SEMITA? A IMAGEM DO JUDEU EM “O MERCADOR DE VENEZA”

Silvio Ruiz Paradiso\*

Leoné Astride Barzotto\*\*

**RESUMO:** Tendo por base um referencial teórico sobre anti-semitismo, subculturas, judaísmo, teoria literária e literatura inglesa, ou seja, teorias que envolvem a cultura e imagem do judaísmo na literatura, em especial, a britânica, desenvolvemos uma análise sobre o anti-semitismo na peça *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare. Para ajudar seu amigo Bassânio a conquistar sua amada Pórcia, o mercador Antônio concorda em fazer um empréstimo com o agiota judeu Shylock oferecendo como garantia uma libra de sua própria carne. É neste enredo que Willian Shakespeare (1564– 1616) constrói uma imagem estereotipada e preconceituosa acerca do judeu e suas crenças. Escrita possivelmente em meados de 1600, época em que os judeus estiveram ausentes da Inglaterra, a peça, por vezes classificada como uma tragicomédia, dá ao leitor visões históricas sobre o pensamento inglês da época, principalmente no que tange à visão do que seria um judeu, pelas próprias falas de/sobre Shylock. Reportando-se ao *Mercador de Veneza*, Harold Bloom (2000, p. 222) diz: “Somente um cego, surdo e mudo não constataria que a grandiosa e ambígua comédia Shakespeariana ‘*O Mercador de Veneza*’ é uma obra profundamente anti-semita.” Para que a pesquisa cumprisse sua proposta, o método de procedimento foi histórico, enquanto o caráter foi descritivo-analítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Anti-semitismo; Literatura inglesa; Willian Shakespeare

---

\* Acadêmico do curso de Letras Português/ Inglês do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Bolsista do PROBIC-CESUMAR/Fundação Araucária. E-mail: silvinhoparadiso@hotmail.com

\*\* Docente do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; (PG- UEL/ Indiana University Bloomington). E-mail: leone@cesumar.br

## SHAKESPEARE: ANTI-SEMITIC? THE IMAGE OF THE JEW IN “THE MERCHANT OF VENICE”

**ABSTRACT:** Being in touch with a theoretical frameworks about anti-semitism, subcultures, Judaism, literary theory and English literature, in other words, theories who involve the culture and image of Judaism in literature, special, the British literature, we foment an analysis about the anti-semitism in the play *The Merchant of Venice*, by William Shakespeare. To help his friend Bassânio to conquer his beloved Portia, the merchant Antonio agrees with making a loan with the Jewish speculator Shylock offering as guarantee a pound of his proper flesh. It is in this plot, somehow, that William Shakespeare (1564- 1616) constructs certain types of stereotypes and prejudice image concerning the Jew and their beliefs. Written circa 1600, time that the Jews had been absent in England, the play was being for times classified as a tragicomedy which gives to the reader historical views about the English thought of that time, mainly to what would be a Jew description in the lines dedicated to Shylock speech. Referring to *The Merchant of Venice*, Harold Bloom (2000, p. 222) said: “One would have to be blind, deaf, and dumb not to recognize that Shakespeare’s grand, equivocal comedy *The Merchant of Venice* is nevertheless a profoundly anti-Semitic work.” Thus, our research fulfill this proposal, the method was historical, while the pattern was descriptive/analytical.

**KEY WORDS:** Anti-Semitism; English Literature; William Shakespeare.

### INTRODUÇÃO

Os estudos acerca do anti-semitismo no campo acadêmico cresceram a partir do Holocausto e ainda hoje está em crescimento em diversos campos de estudo, como a Literatura. A recente criação do *Zentrum für Anti-semitismusforschung*<sup>1</sup>, na Universidade Técnica de Berlim, e do Centro Internacional de Estudos Anti-semitas Vidal Sassoon, na Universidade Hebraica de Jerusalém, enfatiza a seriedade com que o problema é atualmente tratado nas academias.

---

<sup>1</sup> Centro sobre o anti-semitismo.

Ao escritor político anti-semita Wilhelm Marr é atribuída a criação da palavra alemã “*Antisemitismus*”, em seu próprio livro “*Der Sieg des Judenthums über das Germanenthum*” (1879), numa época em que a ciência racial estava na moda na Alemanha, mas o ódio religioso ainda não se manifestara. Este termo serviu de alternativa à palavra alemã mais antiga “*Judenhass*”, significando “ódio aos judeus”(MARR, 1879, p.4).

De acordo com a revista MORASHA (A PROPÓSITO..., 2002, p. 18), tanto quanto pode ser confirmado, a palavra foi impressa pela primeira vez em 1880. Nesse ano, Marr publicou *Zwanglose Antisemitische Hefte* (cadernos informais anti-semitas) e Wilhelm Scherer usou o termo “*Antisemiten*” (anti-semitas) no jornal *Neue Freie Presse*, de Janeiro. A palavra relacionada “semitismo” foi cunhada por volta de 1885.

Chamamos de anti-semitismo todo ato que, direta ou indiretamente, ofende o povo semita, mais especificamente o judeu e/ou o judaísmo (LUFT, 2001, p. 68). O ato evoca falsas idéias ou imagens a fim de depreciar o judeu como um indivíduo inferior ante todos os outros povos.

Apesar dos dois séculos que separam as figuras judaicas mais conhecidas da literatura inglesa, Shylock de Shakespeare e Fagin de Dickens, tanto uma quanto a outra são deformadas em relação à identidade real de um judeu e semelhantes em muitas características (estereotipadas) no que tange à estrutura da personagem. Isso só demonstra a visão estereotipada do judeu na literatura britânica.

Mesmo com a mudança social e cultural grandiosa que a Inglaterra experimentara desde a publicação de o Mercador de Veneza, Dickens herdou a imagem caricata do judeu de Shakespeare, provando que o discurso elitizado contra as minorias étnicas na Europa é tão forte que sua crença é atemporal. Shakespeare, aliás, é mestre na arte de expor sua visão homogênea de mundo. Seu antijudaísmo é clássico, o Shylock do “Mercador de Veneza” é um estereótipo infame, mas o autor e a obra jamais foram banidos, censurados, vilipendiados. O bardo de Stratford é, sim, um caso de estudo sobre genialidade e ignorância, já que no tempo em que viveu não existiam judeus na Inglaterra (HYAMSON, 1928, p. 121), assim não haveria “material vivo” para sua pesquisa de personagem, pois a comunidade judaica iria retornar à Inglaterra aproximadamente 60 anos depois do lançamento da peça “O mercador de Veneza”:

Quando, em 1275, Eduardo I proibiu aos judeus continuar na atividade financeira, foi o sinal de que sua utilidade ao reino chegava ao fim. Em 18 de ju-

lho de 1290, além de apreender seus bens, o soberano decreta sua expulsão da Inglaterra. No calendário judaico, era o fatídico dia 9 de Av. Foi a primeira expulsão, na História da humanidade, a abranger a totalidade de um povo[...]. Em 1660, é restaurada a monarquia na Inglaterra. A ascensão de Charles II ao trono foi vista com apreensão pela comunidade judaica, mas o desenrolar dos acontecimentos mostrou serem infundados os seus temores. Charles, bem como seu sucessor, James II, protegeram a nova comunidade (OS JUDEUS..., 2005, p. 65).

No mundo medieval inglês o judeu tinha um papel importante, sendo a única figura a prestar-se ao papel de “prestamista”. Afinal, a Igreja aceitava a proibição bíblica acerca da usura<sup>2</sup>, vedando-a entre seus fiéis e atribuindo à prática a condição de pecado. Entretanto, sempre que havia necessidade de socorrer os cofres públicos e privados, todos se valiam dos judeus prestamistas, pois estes não eram sujeitos às leis da Igreja e raramente o eram às do Estado (ALENCAR, 2006).

Enfim, o judeu começou a ser incorporado na literatura medieval européia como “o usurário” e, conseqüentemente, contraventor da fé cristã. Ao mesmo tempo o judeu já carregava um título pesado e pseudo-histórico: o de “deicida”<sup>3</sup> (FRÈCHES, 1950, p. 98). Na tradição européia os judeus seriam os responsáveis pela crucificação de Jesus, então se levantaram muitas histórias, fábulas, lendas e folclores sobre a imagem do judeu como sendo o Anticristo e/ ou a própria figura do diabo, como é citado na obra shakespeariana: “Certamente, o judeu é o próprio diabo encarnado” (SHAKESPEARE, 1981, p. 304).

A escala de ataques aos judeus na Europa crescia monstruosamente. A eles foram atribuídos assassinatos de crianças cristãs para as finalidades ritualísticas de sua religião. Do mesmo modo eles foram tidos como os causadores da praga bubônica (e não os ratos). Enfim, esta era a imagem do judeu, o usurário, assassino, frio, calculista, bruxo, um ser totalmente objetificado, a quem Shakespeare não teve tempo de observar a fim de criar a figura de Shylock. Mas então, de onde veio essa imagem para o bardo inglês montar sua personagem?

Todo modelo de criação para a personagem de Shakespeare já era “praxe” no teatro inglês. O maior modelo de “identidade judia” (em uma

<sup>2</sup> Ato de emprestar dinheiro a juros (Nota do autor)

<sup>3</sup> Aquele que mata “Deus” (Nota do autor)

falsa visão, é claro) existiu na pessoa de Barrabás, bandido da peça de Christopher Marlowe (1997), *O judeu de Malta* (1590). Na versão de Marlowe (1997), o prestamista Barrabás (“coincidência” com o personagem bíblico Barrabás, o ladrão que fora solto em vez de Cristo) molda-se como um ser demoníaco e perverso, que ao mesmo tempo dedica sua vida à acumulação material do ouro, ao roubo, a práticas de fornicção, etc. Com essa caracterização, Marlowe (1997) chega a torná-lo uma caricatura grotesca.

A peça *O Judeu de Malta* foi executada muitas vezes, na corte e nos teatros de Londres, antes de estes se fecharem em 1642. É repleta de sangue e assassinato, e também assunto favorito das platéias elisabetanas, que abraçaram o gosto pelas tragédias sangrentas e de vingança do período. Segundo Ule (1996, p.128) a própria tendência de Marlowe à violência e a um estilo de vida incomum ajudou a criar a reputação da peça. Três anos depois a morte sangrenta de Marlowe (1593) faria da violência da peça um elemento ainda mais atrativo. Não se sabe a fonte que Marlowe utilizou para criar Barrabás, mas a visão do judeu como um “indivíduo que enriquece à custa alheia” era comum na sociedade daquela época.

Estava nas mãos de Shakespeare continuar ou mudar a visão do judaísmo na época, mas ele falhou. Preferiu seguir os passos de Marlowe (1997) e agradar a elite inglesa bem como a corte cristã. Northrop Frye (1999), na introdução de seu estudo sobre Shakespeare, adverte cautelosamente que o autor nunca teve a pretensão de usar o teatro para fins elevados:

Temos que manter o Shakespeare histórico sempre em nossa mente, para evitarmos a tentativa de seqüestrá-lo para nossa própria órbita cultural, que é diferente, mas de certa forma tão restrita quanto aquela das primeiras audiências de Shakespeare. Por exemplo, ficamos obcecados pela noção de usar palavras para manipular pessoas e acontecimentos, pela noção da importância de dizer as coisas. Se fôssemos Shakespeare, não escreveríamos uma peça anti-semita como o Mercador de Veneza, ou uma peça “machista” como *A Megera Domada* [...]; isto é, teríamos usado o teatro para fins mais altos e mais nobres. Um dos primeiros pontos a se esclarecer sobre Shakespeare é que ele não usou o teatro para nada: compreendeu suas condições como eram e as aceitou totalmente.

Esse fato tem tudo a ver com a sua posição como poeta hoje (FRYE, 1999, p.14).

Como gênio da humanidade, a posição de William Shakespeare é inquestionável; o que nos cabe discutir, refletir e debater é o cunho depreciativo do texto “O mercador de Veneza”. Apenas criou um personagem comum da época, ou propositalmente ajudou a propagar e fortalecer o anti-semitismo?

## **2 WILLIAN SHAKESPEARE E “O MERCADOR DE VENEZA”**

William Shakespeare foi o terceiro filho de oito que tiveram seu pai John Shakespeare, um comerciante de lã, e Mary Arden, filha de um rico proprietário de terras. Foi o filho mais velho de sexo masculino, do casal. Foi educado em uma das excelentes *grammar schools* da época (escolas de preparação para a universidade), o que explica o grande conhecimento de um autor que não chegou a frequentar universidades.

Por volta de 1588 mudou-se para Londres, onde em 1592 já fazia sucesso como ator e dramaturgo. Entretanto, as suas poesias, e não as suas peças, é que eram aclamadas pelo público. Isso se deveu ao fato de que, entre 1592 e 1594, por 21 meses, os teatros londrinos foram obrigados a fechar em virtude da peste que então grassava na cidade. Nesse período foram publicados *Vênus e Adônis* (1593) e *O Rapto de Lucrecia* (1594), que juntamente com seus sonetos (cerca de cento e cinqüenta), tornaram-no famoso por explorar os aspectos do amor.

Começou a escrever a sua primeira peça, *a Comédia dos Erros*, em 1590, terminando-a quatro anos depois, época em que ingressou na Companhia de Teatro de *Lord Chamberlain*, que possuía um excelente teatro em Londres. Desde então escreveu cerca de trinta e oito peças, divididas entre comédias, tragédias e peças históricas. Além de fama, esses escritos trouxeram-lhe riqueza, uma vez que era sócio da companhia teatral. Jamais publicou suas peças, pois a dramaturgia não era bem paga; Shakespeare preferia que elas fossem representadas. Com os recursos recebidos, adquiriu uma casa em Stratford e uma em Londres, além de outras propriedades.

Neste período, o contexto histórico favorecia o desenvolvimento cultural e artístico, pois a Inglaterra vivia os tempos de ouro, sob o reinado da rainha Elizabeth I. O teatro desse período, conhecido como teatro elisabetano, foi de grande importância.

No ano de 1610, Shakespeare retornou para Stratford-upon-Avon, sua cidade natal, onde escreveu a sua última peça, *A Tempestade*, conhecida por expor as ideologias imperialistas do autor. Faleceu em 23 de abril de 1616, de causa ainda não identificada pelos historiadores (PRIESTLEY et al. 1963).

“O Mercador de Veneza” é uma das obras mais polêmicas do célebre dramaturgo inglês. Escrita entre os anos de 1598 e 1600, capta as chocantes caricaturas feitas pelos ingleses acerca de um judeu. Em *O Mercador de Veneza*, o personagem que mais chama a atenção não é o mocinho, e sim o vilão, criado para dar um tom cômico à peça. Trata-se do agiota e judeu (daí a polêmica) Shylock, retratado como indivíduo desprezível. Já a vítima é um cristão, o bom e heróico Antônio.

Bassânio, nobre veneziano que perdera toda a sua herança, planeja casar-se com Pórcia, bela e rica herdeira. Seu amigo Antônio concorda em lhe emprestar o capital necessário para que ele viaje até Belmonte, no continente, onde vive Pórcia. Como Antônio é um mercador, toda a sua fortuna está investida numa frota de navios mercantes que navegam em águas estrangeiras. Ele então faz um empréstimo junto a Shylock, que concorda em emprestar o dinheiro desde que Antônio empenhe uma libra de sua pró-pria carne como garantia. Quando Bassânio chega a Belmonte, descobre que para ganhar a mão de Pórcia terá que se submeter a um teste envolvendo três arcas, deixado pelo pai da moça antes de morrer, e ainda recebe a notícia de que os barcos de Antônio haviam naufragado e ele perdera toda a sua fortuna. Assim, sua vida está, agora, nas mãos de Shylock (SHAKESPEARE, 1981).

Durante anos, tal peça foi encenada sempre acendendo discussões, ou mesmo pregando o anti-semitismo. Nos territórios nazistas, por exemplo, ela se tornou a peça mais popular de Shakespeare nos anos 30 e 40. Após a Segunda Guerra Mundial, a história tornou-se constrangedora e passou a ser exibida somente com interpretações mastigadas, tentando expor inclusive as mazelas do preconceito sofrido pelo próprio Shylock.

O autor, em seu original, também busca trabalhar com o emocional do vilão, mostrando-o como humano, em suas características sentimentais. O fato é que o dramaturgo inglês foi certamente influenciado pela onda deletéria contra os judeus, presente em sua época (HALLIDAY, 1964, p.p. 311-312).

### 3 ANÁLISE: O QUE O TEXTO NOS DIZ?

Reportando-se ao “O Mercador de Veneza”, o crítico literário que mais idolatrava Shakespeare, Bloom (2000, p. 222), cede aos fatos e diz:

“Somente um cego, surdo e mudo não constataria que a grandiosa e ambígua comédia Shakespeariana ‘O Mercador de Veneza’ é uma obra profundamente anti-semita”. Bloom (2000) se refere aos discursos depreciativos ao judeu e sua religião proferidos pelos personagens cristãos (Antônio e Bassânio), pelos amigos do judeu (Lancelot e Gobo) e até mesmo pela boca dos judeus (Shylock e Jéssica), mas todo o discurso foi escrito por um homem: William Shakespeare.

A oitava fala de Shylock, ainda no início da peça, já apresenta distorção teológica acerca da crença judaica. Shakespeare induz o leitor a crer que o motivo pelo qual não se come carne suína no judaísmo tenha sido o fato narrado no Evangelho de Marcos (v. 1-13) na história do endemoninhado Gadareno:

**Bassânio** – Se quiserdes, podereis jantar conosco.  
**Shylock** – Sim, para sentir o cheiro de porco! Para comer na casa que vosso profeta, o Nazareno, fez entrar o diabo por meio de exorcismos! Quero comprar convosco, vender convosco, falar convosco, passear convosco e assim sucessivamente; mas, não quero comer convosco. Beber convosco, nem orar convosco [...] (SHAKESPEARE, 1981, p. 297-298).

No entanto omite o verdadeiro porquê, confundindo a visão real do relacionamento judeu com as leis. Moshê (Moisés), o legislador dos hebreus, através de Deus, proibiu o consumo da carne de porco para seu povo, no capítulo 11, versículos 7 a 8, no livro de Vayikra:

O porco que tem o pé córneo e até o casco bifurcado, mas que não ruma, será impuro para vós. Não comereis carne de nenhum deles nem tocareis nos seus cadáveres: são impuros para vós (MOSHÊ, 2006, p.112).

“Não comereis o porco porque tem a unha fendida, mas não ruma; considerá-lo-eis impuro” (MOSHÊ, 2006, p. 194). Assim, quando Shakespeare coloca a proibição advinda da passagem do Novo Testamento, enfatiza a ignorância judaica.

Shylock cita trechos da Torah (o Pentateuco) a fim de justificar os juros: “[...] Esta era uma maneira de prosperar e sua ambição foi abençoada, pois o lucro é uma benção quando não é roubado.”

(SHAKESPEARE, 1981, p. 299). Mas, ao invés de ser considerado um homem venturoso como Jacó, o judeu é amaldiçoado por citar a bíblia para fins próprios: “Antônio: - Notai isso Bassânio, o diabo pode citar as Escrituras para justificar seus fins. Uma alma perversa que apela para testemunhas sagradas [...]” (SHAKESPEARE, 1981, p. 299).

Com esta estratégia, Shakespeare passa ao leitor a idéia de que um judeu, quando é um bom conhecedor das escrituras, assim é apenas para propósitos sinistros, e não para fins religiosos. Além disso, pela primeira vez no conto, chama o judeu de “diabo”.

As referências ao judeu como diabo cristão são frequentes, como podemos observar nos trechos a seguir: “[...] se eu fugir da casa do judeu, devo obedecer ao demônio, que salvo vosso respeito, é o diabo em pessoa. Certamente, o judeu é o próprio diabo encarnado; [...]” (SHAKESPEARE, 1981, p. 304). “Antônio: – Deixa-me dizer bem depressa amém, para que o diabo não destrua o efeito de minha prece, porque ei-lo chegando sob a figura de um judeu” (*entra Shylock*) (SHAKESPEARE, 1981, p. 325). “Está chegando um outro da mesma tribo. Não se encontraria um terceiro da mesma espécie, a não ser que o próprio diabo virasse judeu (Tubal, outro judeu)” (SHAKESPEARE, 1981, p. 326). Ao tentar ajudar o amigo no tribunal, Bassânio diz: “[...]Tudo sacrificarei, tudo perderei para libertar-te desse diabo” (SHAKESPEARE, 1981, p. 352).

Há muitas passagens em que o autor defende o ódio de Shylock por Antônio e seus amigos, pelo simples fatos de serem cristãos. A intolerância dos cristãos contra a religião de Shylock é demarcada de uma maneira mais sutil, mas é explícito o ódio do judeu não só por Antônio, mas pelo cristianismo: “Shylock: – [...] Eu o odeio, porque é cristão [...] Maldita seja minha tribo, se eu o perdoar” ou “Oh! Pai Abraão, como são esses cristãos” (SHAKESPEARE, 1981, p.301).

Já o contrário, ou seja, a aversão pelo judeu, é justificado pelo fato de este amar demasiadamente o dinheiro. No trecho a seguir Shylock expõe a inveja de Antônio: “*Signore* Antônio, muitas e muitas vezes, no Rialto, vós me maltratastes a propósito de meu dinheiro e dos lucros que o faço produzir [...]” (SHAKESPEARE, 1981, p. 300), enquanto o criado do judeu, Lancelote, enfatiza que dinheiro é benção para o povo judeu: “O velho provérbio é muito bem partilhado entre meu amo Shylock e vós, senhor: vós tendes a graça de Deus, senhor, e ele a riqueza” (SHAKESPEARE, 1981, p. 308).

Segundo o socialista francês Jacques Attali (2003), a base ideológica sobre o dinheiro no judaísmo é totalmente oposta ao ideal cristão. No judaísmo ser abençoado é ser rico, ao contrário do cristianismo. Assim, a

questão principal, na visão de Shakespeare, não é mais religiosa, mas sim, monetária. Nas palavras de Attali (2003, p. 242):

Paralelamente aprofundam-se as diferenças entre as duas doutrinas econômicas. Quer no Judaísmo como no Cristianismo acredita-se nas virtudes da caridade, da justiça e das ofertas. Mas para os Judeus, é desejável ser rico, enquanto que para os Cristãos é recomendado ser-se pobre. Para uns, (os Judeus) a riqueza é um meio para melhor servir Deus; para os outros, (os Cristãos) ele impossibilita a salvação. Para uns, o dinheiro pode ser um instrumento do bem; para os outros os seus efeitos são sempre desastrosos. Para uns, qualquer pessoa pode gozar do dinheiro bem ganho; para os outros ele queima-lhe os dedos. Para uns, morrer rico é uma bênção, desde que o dinheiro tenha sido adquirido moralmente e que se tenha cumprido com todos os deveres para com os pobres da comunidade; para os outros, morrer pobre é uma condição necessária da salvação.

A mesquinhez como estereótipo é observada em vários trechos, como por exemplo: “[...] Meu amo é um perfeito judeu. Dar-lhe um presente! Dai-lhe um barão. Estou morrendo de fome ao serviço dele. Podeis contar todos os ossos que tenho nas costelas. [...] vou virar judeu, se continuar servindo em casa de judeu” (SHAKESPEARE, 1981, p. 307).

Shylock narra o pensamento de um cristão na época sobre ser judeu: “[...] Vós me chamastes de infiel, cão assassino, e cuspiastes em meu gabão de judeu [...]”, mas o autor reafirma no trecho seguinte as barbáries acerca do judeu, insinuando e/ou incitando à mesma atitude: “Antônio: - Tenho bem vontade de chamar-te novamente as mesmas coisas, de cuspir-te de novo e dar-te, também pontapés.” Shakespearare escreve como se o fato de ofender o judeu fosse normal. As ofensas variam desde “Judeu ordinário” (SHAKESPEARE, 1981, p. 319), “cão judeu” (SHAKESPEARE, 1981, p. 320), “feroz judeu” (SHAKESPEARE, 1981, p. 352) até raça “pagã” (SHAKESPEARE, 1981, p. 311)

Na estória o judeu só é generoso por emprestar dinheiro a um cristão, só iria para o céu por causa de terceiros, e se um dia tornar-se bom, é porque se terá tornado cristão:

Antônio: - Por minha fé, estou de acordo; assinarei a caução e direi que há muita generosidade no judeu.

Lourenço: - Se algum dia o judeu, pai dela, for apara o céu, será graças à encantadora filha [...].

Antônio: - Apressa-te, amável judeu. Esse hebreu acabará por virar cristão, está-se tornando bom (SHAKESPEARE, 1981, p. 301-302).

Do mesmo modo a filha de Shylock, Jéssica, que é pressionada a se converter para garantir o casamento e a salvação pregada pelo cristianismo:

Jéssica: - E que esperança é essa, diz-me, por favor?

Lancelote:- Na verdade, a esperança de que não sejas filha de judeu [...].

Jéssica: - Serei salva por meu marido; ele me tornou cristã (SHAKESPEARE, 1981, p. 341).

Até na corte de justiça há uma explícita parcialidade do Doge perante Shylock. Referindo-se ao judeu, o Doge comenta a Antônio que o julgamento será difícil, em vista das características de um judeu: “Sinto pena de ti [Antônio]; mas foste chamado para responder a um inimigo de pedra, um miserável desumano, incapaz de piedade, cujo coração seco não contém uma só gota de misericórdia” (SHAKESPEARE, 1981, p. 344).

O mais assombroso da peça é o final de Shylock. Após todo o engodo do falso julgamento (não houve justiça para com o judeu e seu contrato), a corte veneziana concorda em puni-lo com a força; mas, como “boa ação”, a morte seria revogada caso o judeu aceitasse “doar” seus bens ao Estado e ao genro cristão e converter-se ao cristianismo (SHAKESPEARE, 1981 p. 355). Isto prova definitivamente que o maior pecado de Shylock, não foi a usura, o contrato com Antônio, sua “perversidade” ou frieza. O ato IV mostra que o maior erro de Shylock, para Shakespeare, fora o fato de ter nascido judeu.

#### 4 CONCLUSÃO

Sabemos que as adaptações de Shakespeare, visto que muita coisa que escreveu não foi sua criação, são reflexos de sua ideologia imperialista, branca, cristã e patriarcal. Logo, é fácil perceber como todo grupo fora dos ideais ingleses é estereotipado a fim de perpetuar uma imagem que causa intolerância e preconceito. Apesar de ser menos monstruoso do que

Barrabás de *O judeu de Malta*, de Marlowe (1997), o judeu Shylock, de *O Mercador de Veneza*, oferece-nos uma resposta para a acusação de que Shakespeare foi um autor anti-semita. Diferentemente de Marlowe (1997), Shakespeare expunha essa “perversa” e “falsa” imagem do judeu para uma numerosa platéia, muitas vezes, em muitos locais, visto que suas obras são exclusivamente teatrais, sem nenhum constrangimento em uma época que os judeus já eram perseguidos na Europa.

Os que defendem Shakespeare dizem que ele apenas escreveu uma ficção; outros, que o autor, em sua maestria, transformou sem querer Shylock em vilão: “O judeu é um homem com uma reivindicação justa, mas sua retaliação ultrapassa a provocação. Suas vinganças, ampliadas por sua ambição, são tão brutais que o vingador se torna vilão” (LEVIN, 1952, p. 60).

O fato, não obstante, é que a caracterização e a construção do personagem shakespeariano não foram parciais nem científicas, pois não houvera objeto de estudo. Quando estes são individualizados, com nomes, demonstram mais ainda o anseio do autor de classificar aquele indivíduo perverso não apenas como Shylock, mas sim, como “Shylock - o judeu”.

Concluimos que a peça “O mercador de Veneza” é de cunho anti-semita, mas não podemos provar que seu autor, William Shakespeare, também o tenha sido; o que podemos concluir é que Shakespeare usou e abusou de adjetivos depreciativos, falso teor religioso, enganosa tipificação, caricatura hiperbólica de um grupo étnico-religioso que já vem sofrendo ao longo da história humana, no campo político, étnico, social e religioso. É inaceitável que tal grupo, riquíssimo culturalmente, seja perseguido e humilhado na mais bela prática humana: a arte literária.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, M. F. C. R.. Noções básicas sobre juros e o combate histórico à usura. **Jus Navigandi**, Teresina, n. 1000, ano 10, 28 mar. 2006. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=8158>>. Acesso em: 03 jan. 2008.

ATTALI, J. **O judeu, o dinheiro e o mundo**. 3. ed. São Paulo: Futura, 2003.

BLOOM, H. **Shakespeare: A Invenção do Humano**. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CHAMBERS, E. K. **The Elizabethan Stage**. Oxford: Clarendon Press, 1923. v. 4.

FRÈCHES, C. H. Introduction au Théâtre du Judeu. In: **BULLETIN d'histoire du Théâtre Portugais**. Lisboa: Istitut Français au Portugal, 1950.

FRYE, N. **Sobre Shakespeare**. Tradução de Simone Lopes de Mello. São Paulo: Edusp, 1999.

HALLIDAY, F. E. **A Shakespeare Companion 1564-1964**. London: Penguin, 1964.

HELIODORA, B. **Reflexões Shakesperianas**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2004.

HYAMSON, A. M. **A history of the Jews in England**. London: Oxford, 1928.

OS JUDEUS na Inglaterra. **Revista Morasha**, São Paulo: Novo Brasil, ano XII, n. 56, abr. 2005.

LEVIN, H. **The Overreacher**. Cambridge: Harvard University Press, 1952.

MARR, W. Der Sieg des Judenthums uber das Germanenthum. In: **Vom nicht confessionellen Standpunkt aus betrachtet**. Berlim: Rudolph Costenoble, 1879.

MARLOWE, C. **The Jew of Malta**. David Bevington, ed. Revels Student Editions. New York: Manchester University Press, 1997.

MOSHÊ. **Torah – A Bíblia Hebraica**. Tradução de D. Gorodovits e J. Fridlim. São Paulo: Ed. Sêfer, 2006.

A PROPÓSITO do anti-semitismo **Revista Morasha**, São Paulo: Novo Brasil, ano X, n. 38, set. 2002.

PRIESTLEY et al. **Adventures in English Literature**. London: Harcourt Brace Jovanovich, 1963. v. 2.

SHAKESPEARE, W. **O mercador de Veneza**. São Paulo: Abril, 1981.

ULE, L. **Christopher Marlowe (1564-1607): A Biography**. London: Carlton Press, 1996.